

**ESTUDO TOPONÍMICO BILÍNGUE
DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO PÚBLICAS
DE FEIRA DE SANTANA-BA: PORTUGUÊS E LIBRAS**

Emanuelle Reisurreição Santos Carneiro Dantas (UEFS)

emanuelletils@ufpb.edu.br

Liliane Lemos Santana Barreiros (UEFS)

lilianebarreiros@uefs.br

RESUMO

A toponímia insere-se nas ciências do léxico como ramificação da onomástica e dentro destes estudos ocupa-se pela investigação dos nomes próprios de lugares. O processo de nomeação de lugares é comum a todas as línguas, por isso esta ação também é verificada na Libras, por meio de atribuição de sinais aos espaços. Diante disso, o presente trabalho busca analisar as motivações toponímicas da nomeação das instituições de ensino públicas da cidade de Feira de Santana em língua portuguesa e em Libras. Trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento, que se integra a outros estudos associados ao projeto de pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teóricos da Lexicologia e da Lexicografia Moderna (BIDERMAN, 1984; 1998; 2001; VILELA, 1983; BARREIROS, 2017), da Toponomástica (DAUZAT, 1926; DICK, 1987; 1990; 1992; SEABRA, 2004; 2006) dos estudos toponímicos em Libras (SOUSA, 2017; 2019; 2021; 2022) e dos estudos linguísticos da Libras (FELIPE, 2006; FERREIRA, 1995; GESSER, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2012; KARNOPP, QUADROS, 2004). Adota-se também a proposta das fichas lexicográfico-toponímicas usadas em estudos semelhantes (FERREIRA, 2019; JESUS, 2019). Pretende-se ao final desta pesquisa contribuir para o fortalecimento da toponímia bilíngue, além de construir um inventário de fácil acesso, constituído pelos sinais das instituições públicas de ensino de Feira de Santana-BA, garantindo assim uma maior acessibilidade ao povo surdo feirense.

Palavras-chave:

Libras. Toponímia. Instituições de ensino públicas.

ABSTRACT

Toponymy is part of the lexicon sciences as a branch of onomastics and within these studies it deals with the investigation of the proper names of places. The process of naming places is common to all languages, so this action is also verified in Libras, by attributing signs to spaces. Given this, the present work seeks to analyze the toponymic motivations for naming public educational institutions in the city of Feira de Santana in Portuguese and in Libras. This is an excerpt from a master's research in progress, which is integrated with other studies associated with the research project Bilingual study of the toponymy of Feira de Santana-BA: Portuguese-Libras. The research is based on the theoretical assumptions of Lexicology and Modern Lexicography (BIDERMAN, 1984; 1998; 2001; VILELA, 1983; BARREIROS, 2017), Toponomastics (DAUZAT, 1926; DICK, 1987; 1990; 1992; SEABRA, 2004; 2006) from toponymic

studies on Libras (SOUSA, 2017; 2019; 2021; 2022) and from linguistic studies on Libras (FELIPE, 2006; FERREIRA, 1995; GESSER, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2012; KARNOPP, QUADROS, 2004). The proposal of lexicographical-toponymic sheets used in similar studies is also adopted (FERREIRA, 2019; JESUS, 2019). At the end of this research, it is intended to contribute to the strengthening of bilingual toponymy, in addition to building an easily accessible inventory, consisting of the signs of public educational institutions in Feira de Santana-BA, thus guaranteeing greater accessibility to the deaf people of Feiraense.

Keywords:

Libras. Toponymy. Public educational institutions.

1. Introdução

O processo de nomeação de lugares é comum a todas as línguas, por isso esta ação também é verificada na Língua Brasileira de Sinais (Libras), por meio de atribuição de sinais aos espaços. Um sinal não é um gesto simples ou uma mímica, é um signo linguístico constituído a partir das suas unidades mínimas (parâmetros) e formado com regras gramaticais complexas, tal qual ocorre com as palavras nas línguas orais. Contudo, ao atribuir um sinal há um determinado local (tarefa essa que deve ser exercida exclusivamente pelo povo Surdo) não estão envolvidas apenas questões de ordem gramatical, mas também sociais, ao passo que revela toda compreensão que este povo tem da realidade que os cerca.

O conjunto desses sinais forma o repertório lexical na Libras. Refletir sobre a formação do léxico da língua é compreender as relações históricas, sociais e culturais que exercem influência sobre ela, ou seja, se debruçar sobre o léxico é abrir a possibilidade de conhecer a história do povo que a utiliza (Cf. ABBADE, 2011)

Sendo assim, a área da linguística que ocupa-se pelas investigações da nomeação de lugares é a Toponímia. Este artigo é fruto do recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento e tem como objetivo principal analisar, a partir de uma toponímia bilíngue (Libras/língua portuguesa), a nomeação das instituições de ensino públicas Feira de Santana, buscando compreender as motivações toponímicas e traçando uma comparação entre as línguas, a fim de compreender-se as influências sócio-históricas deste processo de nomeação, bem como também contribuir para o registro dos sinais em Libras apoiando na construção do repertório lexical dos surdos desta cidade.

Diante disso, temos a seguinte questão de pesquisa: “Quais as motivações para a nomeação das instituições de ensino públicas de Feira de Santana em Libras e língua portuguesa?”.

Pretende-se tecer caminhos para a resposta a essa indagação partir dos pressupostos teóricos da Lexicologia e da Lexicografia Moderna (BIDERMAN, 1984; 1998; 2001; VILELA, 1983; BARREIROS, L., 2017), da Toponomástica (DAUZAT, 1926; DICK, 1987; 1990; 1992; SEABRA, 2004; 2006), dos estudos toponímicos em Libras (SOUSA, 2017; 2019; 2021; 2022) e dos estudos linguísticos da Libras (FELIPE, 2006; FERREIRA, 1995; GESSER, 2009; SOUZA JÚNIOR, 2012; KARNOPP, QUADROS, 2004; QUADROS, 2019).

No que tange à metodologia da pesquisa, o *corpus* é constituído por 260 topônimos educacionais, sendo organizados nas seguintes categorias: escolas municipais (204), escolas estaduais (50), centros de ensino (3), instituto federal (1), universidades (2).

Para classificar os topônimos das instituições de ensino encontrados, o aporte teórico-metodológico será composto pelos modelos taxionômicos criados por Dick (1992) e ampliado por Isquerdo (1996), Lima (1997) e Francisquini (1998), modelo este utilizado em estudos semelhantes por Ferreira (2019) e Jesus (2019).

Esta pesquisa se justifica pela não existência de estudos toponímicos bilíngues sobre as instituições públicas de ensino de Feira de Santana-BA e também na urgência por registros do léxico dessa língua. Somada a estas justificativas, acredita-se que o desenvolvimento desta pesquisa contribuirá para ampliação dos estudos toponímicos de Feira de Santana, já desenvolvidos na Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), através do projeto de pesquisa intitulado “Estudo Bilingue da Toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras” (CONSEPE-UEFS044/2018), coordenado pela professora Dra. Liliâne Lemos Santana Barreiros e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL), objetivando catalogar, classificar, descrever e analisar os nomes dos acidentes geográficos humanos e físicos, identificando as motivações toponímicas em línguas orais e em Libras para a nomeação dos topônimos encontrados.

2. *A cidade de Feira de Santana-BA e sua comunidade surda*

Feira de Santana é a segunda maior cidade do estado da Bahia, localizada a 109 km da capital, tem uma população estimada em 616.27 pessoas e uma área territorial de 1.304,425 km² (IBGE, 2022), destacando-se como o maior entroncamento rodoviário do Norte/Nordeste e caracterizando-se como um município com forte potencial comercial-industrial, o que potencializa um grande fluxo de pessoas de diversas partes do Brasil regularmente.

Em visita à cidade, em 1919, o jurista baiano Ruy Barbosa a apelidou de “Princesa do Sertão”, a homenagem veio pela posição geográfica privilegiada. Para compreender a origem do município se faz necessário buscar escritos sobre o século XVIII, esta narrativa aponta que “a partir do desmembramento da grande sesmaria de Tocós, propriedade de Antônio Guedes de Brito, dá-se o estabelecimento de numerosas fazendas de criação de gado” (SILVA, 2000, p. 16). Neste período, houve um grande advento de fazendas, dentre elas estava a de Santana dos Olhos d’Água, pertencente ao casal português Domingos Barbosa e Ana Brando.

Com quase uma légua de comprimento e meia légua de largura, Santana dos Olhos d’Água era conhecida como uma grande propriedade nesta área. Pertencia ao Português Domingos Barbosa de Araújo e à sua esposa Ana Brandoa, que nela havia se instalado no princípio do século dezoito. De acordo com a tradição corrente em Feira de Santana, Domingos e Ana Brandoa constituíam um casal virtuoso, amado e admirado por todos que o conheciam. (POPPINO, 1968, p. 20)

Criada como vila em 13 de novembro de 1832 e instalado em 18 de setembro de 1833 data em que se comemora o aniversário da cidade, a história descrita anteriormente é apenas uma das narrativas de seu surgimento, historiadores como Andrade (1992), Oliveira (2000), Santos (2008), debruçam-se sobre as histórias dos primeiros povoadores de Feira de Santana.

Sendo Feira de Santana essa forte potência que agrega uma diversidade de povos, podemos afirmar também que consequentemente, possui uma comunidade surda grande. Essa comunidade feirense é atuante politicamente e está caminhando para sua consolidação, mas nem sempre foi assim, a história dos povos surdos em todo mundo é marcada por grandes contradições.

Daniela Betânia Ferreira (2019) e Carlos Messias de Jesus (2019) apontam em suas pesquisas que o primeiro espaço de acolhimento de

alunos surdos em Feira de Santana foi a Escola Alberto Alencar, criada em 1977 pela Dr^a Mara Regina, esse espaço atendia não só surdos como pessoas com deficiência diversas e ofereciam vários serviços desde reabilitação a ensino. Nesta época os surdos feirenses utilizavam ainda mímicadas, sinais caseiros e gestos para se comunicar, no período em questão a filosofia educacional era oralista, então priorizava-se a oralidade como método para o desenvolvimento cognitivo.

Passando-se 4 anos, uma grande mudança ocorreu na maneira em que os surdos se comunicavam, isso ocorreu com a chegada de uma surda de Barreiras, no período em que esteve na cidade ela ensinou a língua de sinais aos surdos feirenses.

Por volta de 1990, foi fundada na cidade a Associação Filantrópica de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos (AFADA), há uma geração inteira de surdos feirenses que foram marcados pelo período de estudos na AFADA lá funcionava, dentre outras atividades, como uma escola especial contando com ensino exclusivo em Libras.

Outro espaço educacional feirense que se destacou após o fechamento da AFADA e segue até a atualidade acolhendo os surdos é o Centro de Apoio Pedagógico (CAP). Este centro tem como objetivo oferecer o atendimento de apoio pedagógico aos estudantes com deficiências e dificuldade de aprendizagem matriculados na rede estadual, os surdos ao participarem desse espaço tem a possibilidade de aprender a Libras ou o português escrito, além de apoio diversos em suas dificuldades educacionais.

O processo de emancipação do povo surdo feirense converge com os marcos legais conquistados com muita luta da comunidade surda em todo o Brasil. Dentre eles destacamos a Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002 que reconhece a Libras enquanto língua, meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda.

Lei essa conhecida como a “Lei de Libras” foi impulsionadora de outras conquistas, como o Decreto que a regulamenta, Decreto nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005 que em seus capítulos traz amparos legais relevantes a comunidade surda como: a inclusão da Libras como componente curricular obrigatório nos cursos de licenciatura e no curso de fonoaudiologia, da formação do professor e instrutor de Libras entre outras questões.

Motivados pelas conquistas nacionais, a comunidade surda feirense também pleiteou, lutou e conquistou algumas legislações municipais

como Lei Municipal nº 164, de 1 de fevereiro de 2005 que implementa o uso da Libras como língua oficial no Município, o reconhecimento da profissão do intérprete de língua de sinais pela criação da Lei Municipal nº 2608, de 29 de agosto de 2005, e em 19 de maio de 2009 a lei que obriga a presença do intérprete de Libras nos espaços públicos de atendimento coletivo, Lei nº 3000.

Devido ao crescente encontro de surdos para confraternizar, conversar em língua de sinais e compartilhar interesses em comum, além da necessidade de se organizarem politicamente, tiveram a ideia de criar uma associação.

Em vista disso, a Associação de Surdos de Feira de Santana (ASFS) foi fundada no ano de 2008 e nesse tempo já contou com três presidentes, a atual é Elaine Figueredo que terminará seu mandato no ano de 2023 e caso seja reeleita poderá assumir a presidência até o ano de 2028. A associação está funcionando por meio de contrato de empréstimo no Centro Esportivo, Cultural e Social José Ribeiro da Silva o qual é vinculado à Escola Infantil São João da Escócia, espaço mantido pela Loja Maçônica Luz e Fraternidade.

A ASFS é uma organização sem fins lucrativos organizada há 15 anos com o objetivo de unir os surdos da cidade de Feira de Santana, atualmente conta com cerca de 200 membros ativos associados, dentre outras pessoas surdas que frequentam esse espaço e ouvintes colaboradores, ressalta-se a partir dos relatos de surdos, que há espaço para pessoas ouvintes nas associações atuando na secretaria lidando com questões que envolvem uma habilidade do português escrito, bem como tradutores/intérpretes de Libras mediando a comunicação com ouvintes que não conhecem a língua, mas em hipótese alguma compoendo a presidência, local esse destinado apenas às pessoas surdas.

Neste cenário já relatado até aqui, as escolas de Feira de Santana adotavam/adotam uma perspectiva de ensino voltada para a inclusão, modelo esse que se espera ter um professor e um intérprete de Libras atuando em sala de aula e no turno oposto o Atendimento Educacional Especializado (AEE), contudo a falta de profissionais qualificados e a falta também de uma metodologia baseada na pedagogia surda ou visual (modelo ideal para os surdos sinalizantes) ocasiona o fracasso escolar de muitos surdos. Desmotivada com o cenário e afim de promover mudança, no ano de 2014 uma mãe de surdo de Feira de Santana cria a Associação Mãos que Sonham, o objetivo dela era fortalecer o ensino promovendo aulas de Libras como L1 para surdos, bem como práticas de letra-

mento através do ensino do português como L2 para surdos tudo isso oferecido em caráter filantrópico. A associação funcionou e cumpriu seu papel com maestria por alguns anos, porém, recentemente foi fechada devido à falta de apoios diversos.

Na atualidade há um grande movimento de ingresso de surdos no ensino superior. Apresentado alguns aspectos históricos, sociais e educacionais da cidade de Feira de Santana, bem como o perfil da comunidade surda feirense, a próxima subseção será dedicada ao percurso teórico linguístico da pesquisa.

3. A Libras e os estudos toponomásticos bilíngues

Pode-se afirmar que os estudos em relação à linguística das Línguas de Sinais é um campo novo se comparados às Línguas Orais, isso se deve ao fato do tardio reconhecimento do *status* linguístico dessa modalidade de língua visuo-espacial. Tratando-se da Libras, esta língua só foi reconhecida em 2002, como abordado na subseção anterior. Contudo, na atualidade já existem importantes pesquisas na área, construindo um arcabouço teórico vasto e em expansão a respeito dessa temática.

Destaca-se, no início dos anos 80, o trabalho pioneiro de Lucinda Ferreira-Brito, em seguida a publicação “Uma abordagem fonológica dos sinais da LSCB” e “Por uma Gramática de Língua de Sinais”. Em 2004 a obra *Língua de Sinais brasileira: Estudos Linguísticos* de Ronice Müller de Quadros e Lodenir Becker Karnopp inaugurou também um aprofundamento nos estudos da linguística da Libras.

É necessário reafirmar que a Libras surge e se atualiza diariamente através do contato surdo-surdo e as diversas pesquisas provam que esta língua possui todos os níveis e componentes linguísticos como qualquer língua natural: fonologia, morfologia, léxico, sintaxe, semântica, estilística, variação linguística, discurso, etc. (QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS, 2019).

Com relação a formação lexical, tema central desse estudo, Souza (2022) afirma:

O léxico, nas línguas orais e nas línguas de sinais, constitui componentes sistemáticos, abertos, dinâmicos e em constante renovação. Nasce no/do/para o ato comunicativo e constroem significados a partir de contextos socioculturais diversos, seja pela intencionalidade do falante/sinalizante, seja pela própria dinâmica da interação entre os usuários da língua. (SOUZA, 2022, p. 16)

O campo de estudos dedicado ao léxico é a Lexicologia, Como ramificação da Lexicologia, surge a Onomástica, Seabra (2004) afirma:

A Onomástica se integra à lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que possui duas áreas de estudo; a Antroponímia e a Toponímia - ambas se constituem de elementos linguísticos que conservam antigos estágios denominativos. A primeira tem como objeto de estudo os nomes próprios individuais, os nomes parentais ou sobrenomes e as alcunhas ou apelidos; [...] Já a Toponímia se integra à Onomástica como disciplina que investiga o léxico toponímico, através do estudo da motivação dos nomes próprios de lugares. (SEABRA, 2004, p. 36)

Diante disso, a disciplina que se debruça na investigação da motivação dos nomes dos lugares é a Toponímia (derivado do grego *topos* que significa “lugar” e *onoma* que significa “nomear”. O topônimo é então o objeto de estudo da Toponímia.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick é hoje considerada a maior referência nos estudos toponomásticos do Brasil. É de sua autoria o quadro taxonômico que apresenta classificações possíveis de enquadrar os topônimos brasileiros, a partir de duas principais motivações: aspectos geográficos (físicos) e antropoculturais (social, cultural ou aspectos psíquicos). Sua primeira publicação com o estabelecimento de modelos taxonômicos foi em 1975 contendo 19 *taxes* (DICK, 1990), contudo em 1992, observou-se a necessidade de ampliação chegando ao modelo atual com 27 *taxes* publicadas em sua tese “A motivação toponímica: Princípios teóricos e modelos taxionômicos”. As *taxes* se mostram de grande relevância, uma vez que, na toponímia há um “processo relacionante de motivação em que, muitas vezes, se torna possível deduzir conexões hábeis entre o nome próprio dito e a área por ele designada” (DICK, 1990, p. 34).

De acordo com Dick (1990), os topônimos são caracterizados a partir da: a) análise de estratos linguísticos: verificação da(s) língua(s) de origem dos topônimos a partir de pistas lexicais (origem indígena, africana, portuguesa, árabe etc.); b) análise semântica dos nomes (taxionomias): busca dos fatores motivacionais que influenciaram o nomeador no ato do batismo do espaço geográficos; c) análise da estrutura morfológica: identificação dos tipos de formação morfológica dos topônimos (simples, composta, híbrida) (Cf. SOUZA, 2022).

Dessa forma, segue a seguir os modelos classificatórios apresentados e descritos por Dick (1990; 1992) bem como o significado das *taxes*, a motivação semântica de cada topônimo e os exemplos deles, em consonância com Ferreira (2019).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As taxas de natureza física são:

Astrotopônimos – topônimos relativos aos corpos celestes; Fazenda Cruzeiro do Sul (MT);

Cardinotopônimos – topônimos que fazem referência as posições geográficas; Fazenda da Divisa (MT);

Cromotopônimos – topônimos relacionados as cores; Córrego Verde (MT);

Dimensiotopônimos – topônimos relacionados a grossura, espessura, altura, profundidade, extensão, comprimento, largura; Córrego Fundo (MT);

Fitotopônimos – topônimos relacionados a vegetação; Buritirama (BA), Xique-Xique (BA), Juazeiro (BA);

Geomorfotopônimos – topônimos relacionados a formas topográficas levando em considerações elevações ou depressões; Morro do Chapéu (BA), Monte Gordo (BA), Monte Pasqual (BA);

Hidrotopônimos – topônimos relacionados a água; Paraguaçu (BA), Cachoeira (BA), Riachão (BA);

Litotopônimos – enquadra-se nesta taxa topônimos de origem mineral; Lajedo (BA), Itaberaba (BA), Itabuna (BA);

Meteorotopônimos – topônimos que remetem a ideia de fenômenos produzidos pela atmosfera terrestre; Fazenda Alvorada (MT);

Morfotopônimos – topônimos relacionados a formas geométricas; Lagoa Redonda (BA);

Zootopônimos – topônimos com a presença do nome de animais; Jaguaquara (BA), Boipeba (BA), Onça (BA);

As taxas de natureza antropocultural são:

Animotopônimos ou Nootopônimos – topônimos relativos a área psíquica humana; Falsa (BA) Paixão (PR) Confusão (SP);

Antropotopônimos – topônimos relativos aos nomes próprios de pessoas, prenomes, apelidos, alcunhas ou pelo conjunto onomástico; Cabrália (BA); Laurinha (MG); João Branco (GO).

Axiotopônimos – topônimos relativos a títulos; Barão de Bom Jardim (BA), Duque de Caxias (BA), Engenheiro Pontes (BA);

Corotopônimos – topônimos relativos a outras localidades como cidades, estados e países; Fazenda Paranavaí (MT);

Cronotopônimos – topônimos relacionados a nome de localidades que indicam um processo cronológico na passagem do tempo, assim como, Novo, Nova, Velho, Velha; Fazenda Nova Aurora (MT);

Dirrematotopônimos – topônimos constituídos por expressões populares cristalizadas; Córrego Molha Pelego (MT);

Ecotopônimos – topônimos relativos às habitações em geral; Córrego Ranchão (MT);

Ergotopônimos – topônimos relativos a elementos da cultura material humana, em que não há clareza de sua categoria; Arcos (MG) Balsas (BA) Gancho (MA);

Etnotopônimos – topônimos referentes a grupos étnicos; Córrego dos Índios (MT);

Hierotopônimos – topônimos relativos aos nomes sagrados de diferentes crenças religiosas. Os hierotopônimos são divididos em: hagiotopônimos – topônimos relativos aos santos e santas da igreja católica romana e mitotopônimos – topônimos relativos às entidades mitológicas; Conceição do Coité (BA), Bom Jesus da Lapa (BA), São Miguel das Matas (BA);

Historiotopônimos – topônimos com a presença de datas relevantes, personagens; Sete de Setembro (BA), Inconfidentes (MG);

Hodotopônimos (ou Odotopônimos) – topônimos relacionados a caminhos ou às vias de ligação entre a zona rural ou urbana; Ribeirão Ponte Queimada (MT);

Numerotopônimos – topônimos relativos a numerais; Fazenda Dois Córregos (MT);

Poliotopônimos – topônimos relacionados a aglomerados populacionais como vila, aldeia, cidade, povoação, arraial; Ribeirão Aldeia (MT);

Sociotopônimos – topônimos relacionados a atividades profissionais ou a um ponto de encontro de um grupo como largo, pátio e praça; Fazenda Estiva (MT);

Somatotopônimos – topônimo relativo às partes do corpo do homem ou dos animais em caráter metafórico; Fazenda Olhos d'Água (MT);

Com a ampliação das pesquisas toponímicas vem também a ampliação das taxas propostas anteriormente por Dick, destaca-se nessa ampliação as pesquisas de Isquerdo (1996), Lima (1997) e Francisquini (1998).

Acronimotopônimos – topônimos que fazem referência a lugares nomeados por siglas; Bairro Sim (BA);

Estamatotopônimos – que se referem aos sentidos; Água Doce (GO), Agua Fria (BA);

Grafematopônimo – topônimos que utilizam as letras do alfabeto; Rua B (BA);

Higietopônimos – topônimos que fazem alusão a higiene, a saúde ou bem-estar físico; Água Limpa (GO), Saúde (BA);

Necrotopônimos – topônimos relativos ao que é ou está morto, a restos mortais. Rio Caveira (SC).

Os trabalhos toponomásticos na Libras são um campo de investigação ainda recente, sua importância se dá na “descrição da referida língua de sinais, tanto em relação ao processo de formação morfológica do sinal toponímico, quanto à relação língua-cultura” (SOUZA; BARREIROS, 2020, p. 5).

Os surdos nomeiam os espaços, diferentemente da língua oral, os espaços ganham nomes por meio da atribuição de sinais, sinais estes que refletem também a maneira como o povo se organiza na cidade. Souza Jr.(2012) pioneiro na toponímia em Libras confirma essa distinção ao destacar que

As Línguas de Sinais apresentam uma maneira distinta de nomear, uma vez que o referente, nomeado em um sistema linguístico de modalidade oral/auditivo, recebe uma nova atribuição de natureza sinalizada. Alternativamente, um nome próprio pode ser emprestado de uma língua oral para uma língua de sinais por meio de uso da transliteração do nome próprio pelo o alfabeto manual, também chamado datilológico. Contudo, geralmente um referente para um acidente geográfico (estado, cidade, país, bairro, rua etc.), ao ser incluído no cotidiano linguístico da comunidade surda, recebe um “sinal”, que correferência o indivíduo ou o lugar, em substituição ao nome próprio original e sua datilologia (SOUZA JR., 2012, p. 20)

Sousa e Barreiros (2020) realizaram um panorama histórico dos estudos toponímicos em Libras no Brasil e identificaram além desse trabalho pioneiro de Souza Jr. (2012), outras pesquisas como o ATAQB que

no ano de 2014 passou a inserir topônimos em Libras no âmbito de suas investigações e o projeto Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras o qual esse e tantos outros estudos estão inseridos.

4. Caminhos metodológicos da pesquisa

Para classificar os topônimos das instituições de ensino encontrados, o aporte teórico-metodológico será composto pelos modelos taxionômicos criados por Dick (1992) e ampliado por Isquerdo (1996), Lima (1997) e Francisquini (1998), modelo este utilizado em estudos semelhantes por Ferreira (2019) e Jesus (2019). A ficha lexicográfico-toponímica que será adotada contribuirá na organização dos dados, apresentando informações referentes à origem, à intencionalidade, à motivação, aos aspectos históricos/sociais/culturais, aspectos esses que justificam o surgimento dos topônimos tanto em língua portuguesa, quanto em Libras.

No quadro abaixo, apresenta-se o modelo de ficha lexicográfico-toponímica, criada por Dick (1992) e adaptada no Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras, com o acréscimo de mais um campo para inserção de *qr code* com um vídeo do sinal.

Quadro 1: Modelo de ficha lexicográfico-toponímica.

FICHA LEXICOGRÁFICO-TOPONÍMICA BILÍNGUE		NÚMERO: 01
TERMO GENÉRICO:	TOPÔNIMO EM LP:	
TIPO DE ACIDENTE:	LOCALIZAÇÃO:	
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LP:		
ORIGEM:		
HISTÓRICO:		
IMAGENS:		
INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:		
IMAGEM DO SINAL EM LIBRAS:		
QR CODE COM VÍDEO DO SINAL EM LIBRAS:		
TAXONOMIA DO TOPÔNIMO EM LIBRAS:		
ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO SINAL TOPONÍMICO:		
CONTEXTO DO SINAL:		
FONTES: () Oral () Documental		

Fonte: Projeto de Pesquisa *Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras* (UEFS-CONSEPE 044/2018).

A cidade de Feira de Santana é um dos maiores pólos educacionais da Bahia por ser a segunda maior cidade do estado, como já foi evidenciado no referencial teórico deste projeto, sendo assim abriga muitas instituições de ensino tanto no âmbito público, quanto no privado. É comum pessoas de diversas regiões do Brasil e especificamente de cidades circunvizinhas se deslocarem até Feira para completar a educação básica, superior e a pós-graduação.

Considerando este contexto, o corpus da pesquisa corpus é constituído por 260 topônimos educacionais, sendo organizados nas seguintes categorias: escolas municipais (204), escolas estaduais (50), centros de ensino (3), instituto federal (1), universidades (2).

Para localizar os nomes das instituições de ensino foram utilizados dados abertos digitais do Ministério da Educação. Para as escolas (municipais e estaduais) e o instituto federal foi consultado o Catálogo de Escolas do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) disponível no site <https://inepdata.inep.gov.br>. Já as instituições de ensino superior, foi consultado o site do Cadastro e-MEC (Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior) disponibilizado no seguinte domínio <https://emec.mec.gov.br/>.

No que concerne à sinalização desses espaços educacionais em Libras, foram realizadas consultas à comunidade surda feirense para constituir o corpus. Foram encontrados 14 sinais até o momento, escolas municipais (3), escolas estaduais (5), instituto federal de educação (1), centros de ensino (3), universidades públicas (2). Durante a coleta de dados percebeu-se que a maioria dos locais em que existe a nomeação em Libras há na atualidade ou houve anteriormente surdos matriculados.

5. Considerações finais

O presente artigo apresenta os resultados iniciais de uma pesquisa sobre os estudos toponímicos bilíngues das instituições de ensino públicas da cidade de Feira de Santana-BA, que visa uma análise toponímica mais aprofundada, apresentando dados relevantes sobre a história, a cultura e o léxico das duas línguas envolvidas.

Espera-se que ao final desta pesquisa seja alcançado o objetivo proposto, analisar as motivações toponímicas da nomeação das instituições de ensino públicas de Feira de Santana em Libras e em língua portuguesa, bem como catalogar os topônimos através de fichas lexicográficas.

co-toponímicas. Espera-se também, ao final desta pesquisa, promover estratégias de divulgação de seus resultados para surdos e ouvintes imersos na comunidade surda feirense.

Por fim, espera-se contribuir para a difusão e maior visibilidade da Libras em Feira de Santana, para o fortalecimento de pesquisas linguísticas da Libras e de forma mais específica para a toponímia bilíngue em todo o Brasil, além de construir um inventário de fácil acesso, constituído pelos sinais das instituições públicas de ensino de Feira de Santana-BA, garantindo assim uma maior acessibilidade ao povo surdo feirense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, C.M.S. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. In: Cadernos do CNLF, v. XV, N. 5, t. 2. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2011.

BARREIROS, L. L. S. *Vocabulário de Eulálio Motta*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. *Sign Language Studies* 5, 1974.

BRASIL. *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-Libras. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 22 jun. 2023.

_____. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais-LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 22 jun. 2023.

BIDERMAN, M.T. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A.M.P.P.; ISQUERDO, A.N. (Orgs). *As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001. p. 13-22

CORDEIRO, R. A. A. *Sinal Datilológico em Libras*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

DICK, M. V. de P. Toponímia e Antroponímia no Brasil. *Coletânea de Estudos*. São Paulo, FFLCH/USP, 1990.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1992.

DRUMOND, C. *Contribuições do bororo à toponímia brasileira*. São Paulo: USP/IEB, 1965.

FARIA-NASCIMENTO, S. P. *Representações Lexicais da Língua de Sinais Brasileira: Uma Proposta Lexicográfica*. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. 290f.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and Differences in Two Sign Languages. *Sign Language Studies*. 42: 45-46. Linstok Press, In: Silver Spring, USA, 1984.

_____. Epistemic, Alethic, and Deontic Modalities in a Brazilian Sign Language. In: FISHER, S.D.; SIPLE, P. (Eds). *Theoretical Issues in Sign Language Research*. V. 1. University of Chicago Press. 1990.

_____. *Por uma gramática de línguas de sinais*. Tempo Brasileiro. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995.

FERREIRA, D. B. S. *Estudo toponímico Português-Libras do centro comercial de Feira de Santana-BA*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

FRANCISQUINI, I. de A. *O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranaíba*. Dissertação (Mestrado) – UEL. Londrina-PR: 1998.

JESUS, C. M. A. *Estudo toponímico dos Bairros de Feira de Santana-BA: línguas orais e Libras*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2019.

LIMA, I. A. de. A motivação religiosa dos topônimos paranaenses. *Estudos linguísticos* – XLV Seminário do GEL. Campinas: UNICAMP, 1997.

MELLO, O. *Topônimos amazonenses – nomes das cidades amazonenses, sua origem e significado*. Manaus: Edições Governo do Estado do Amazonas, 1967.

MINAYO, M.C.S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1994.

OLIVEIRA, A. L. de. *Toponímia carioca*. Rio de Janeiro [Distrito Federal]: Secretaria de Educação e Cultura, 1957.

PADDEN, C.; HUMPHRIES, T. *Deaf in America: voices from a culture*. 11. ed. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

SAUSSURE, F de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAMPAIO, T. *O tupi na geografia nacional*. Salvador: Câmara Municipal, 1901.

SEABRA, M.C. T. C. de. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. 368f.

STROBEL, K. *As imagens do outro sobre a cultura surda*. 3. ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

SOUSA, A. M de. *Toponímia em Libras: pesquisa, ensino e interdisciplinaridade*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

_____; BARREIROS, L. L. S. Panorama histórico dos estudos toponímicos em libras no Brasil. *Revista Sinalizar*, v. 5, Goiânia, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/64069>. Acesso em: 29 jun. 2023.

SOUZA JÚNIOR, J. E. G. *Nomeação de lugares na Língua de Sinais Brasileira. Uma perspectiva de toponímia por sinais*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Universidade de Brasília, Brasília, 2012. 80f.

STOKOE, William. *Sign Language structure*. Maryland: Linstok Press, 1960.

WILCOX, P.; WILCOX, S. *Aprender a ver*. Rio de Janeiro: Arara Azul, 2005.

Outras fontes:

FEIRA DE SANTANA. Lei nº 3000/2009. Dispõe sobre a obrigatoriedade da presença do intérprete de Libras em locais de atendimento coletivo em Feira de Santana, e dá outras providências. Disponível em [https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2009/300/3000/lei-ordinaria-n-3000-2009-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-da-presenca-do-interprete-de-libras-em-locais-de-](https://leismunicipais.com.br/a/ba/f/feira-de-santana/lei-ordinaria/2009/300/3000/lei-ordinaria-n-3000-2009-dispoe-sobre-a-obrigatoriedade-da-presenca-do-interprete-de-libras-em-locais-de)

atendimento-coletivo-em-feira-de-santana-e-da-outras-providencias.
Acesso em 19 jun 2023.

_____. Lei nº 2608/2005. Cria cargos de intérpretes de libras – língua brasileira de sinais e dá outras providências. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/328/leis-de-feira-desantana/categorias/cidadao-preferencial?p=46>. Acesso em 19 jun 2023.

_____. Lei nº 164/2005. Dispõe sobre a implantação e obrigatoriedade da Libras – língua brasileira de sinais – como língua oficial do município de Feira de Santana e dá outras providências. Disponível em <https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/328/leis-de-feira-desantana/categorias/cidadao-preferencial?p=46>. Acesso em 19 jun 2023.

Feira de Santana. Disponível em <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ba/feira-de-santana.html>. Acesso em 29 de jun. 2023.

Revista Sinalizar, Goiânia, v. 5, 2020. Disponível em: http://www.Filologia.org.br/xv_cnlf/tomo_2/105.pdf. Acesso em: 24 jun. 2023.

UEFS/CONSEPE. Resolução CONSEPE Nº 044/2018. Aprova o Projeto de Pesquisa Estudo bilíngue da toponímia de Feira de Santana-BA: Português-Libras, sob a coordenação da Profª Drª Liliane Lemos Santana Barreiros, do Departamento de Letras e Artes, desta Universidade. Feira de Santana-BA: D.O.E., 13 abr. 2018.